

Hélio Silva

Com a colaboração de

Maria Cecília Ribas Carneiro

VARGAS

Uma biografia política

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Perfil político de Getúlio Vargas

Getúlio Dorneles Vargas nasceu a 19 de abril de 1883, na pequena cidade de São Borja, à margem do rio Uruguai, na fronteira com a Argentina. Fundação jesuítica do século XVII, a *missão* foi plantada na paisagem monótona dos pampas seguindo a linha arquitetônica característica: a praça principal, quadrada, ladeada pela igreja de uma torre e casas acachapadas de janelas largas e telhados de beirais. Nessa praça ainda existe a casa onde nasceu Getúlio. Era propriedade de um irmão de sua mãe, onde se hospedava seu pai, Manoel do Nascimento Vargas, herói da guerra do Paraguai.

Um de seus biógrafos – Paulo Frischauer – escreveu que a criança que nasceu deveria ter sido registrada sob o nome de Getúlio Dorneles Bueno. Pois quando José de Vargas Bueno, descendendo do bandeirante Francisco de Paula Bueno e da espanhola Ana Joaquina de Vargas, radicou-se na cidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, já havia decidido esquecer o sobrenome de seu pai. Este, segundo constava das crônicas familiares, não se havia comportado como um autêntico cavalheiro com Dona Ana Joaquina.

Manoel do Nascimento Vargas negava o fato, justificando, sem muita convicção, a mudança do sobrenome por algumas razões de ordem migratória. Ignora-se se foi ele próprio, republicano desde a juventude, ou José Evaristo quem aboliu o *de* indicativo de nobreza que antecedia o *Vargas*.

Pesquisadores, que enxamearam quando Getúlio Vargas ascendeu à Presidência, procuraram levantar a árvore genealógica de condes espanhóis, vinda de séculos.

Getúlio desinteressou-se do assunto: “Nesta matéria de genealogia é melhor não aprofundar muito, porque às vezes pode-se ter a surpresa de acabar no mato (índios) ou na cozinha (negros)”.

Manoel do Nascimento Vargas foi cabo na guerra do Paraguai. Esposando Cândida Dorneles, em 1872, ligou-se a uma família de origem portuguesa, dos Açores, arrolada entre os fundadores de Porto Alegre. Foi o avô de Getúlio, major-de-milícia Serafim Dorneles, que, visitando São Borja, em viagem de negócios, não quis mais voltar à Capital da Província, formando fazenda e tornando-se um dos mais ricos estancieiros da região. Sua filha, Cândida, casando-se com Manoel do Nascimento Vargas, foi morar no vilarejo de Triunfo, onde nasceram seus três primeiros filhos: uma menina que não sobreviveu, Viriato e Protásio. O casamento reuniu o chefe do Partido Republicano em São Borja e o comandante dos federalistas. Cândida seguiu o marido, pura e simplesmente. A luta continuou até que Getúlio, eleito presidente do Rio Grande do Sul, unificou a política de seu estado, formando a Frente Única com que se apresentou à sucessão de Washington Luís.

Menino, frequentou a escolinha de mestre Fabriciano Braga da missioneira São Borja. Depois, seguiu seus irmãos mais velhos que estudavam em Ouro Preto e com 12 anos fazia parte da *República Farroupilha*, quartel-general dos estudantes gaúchos naquela cidade universitária mineira. Um incidente de rua, entre um moço da família paulista Prado e Viriato, degenerou em conflito entre estudantes paulistas e gaúchos, quando foi mortalmente ferido o moço paulista. Instaurado o processo, Viriato foi impronunciado. Mas ele e seus irmãos, inclusive Getúlio, que não tomara parte na contenda, tiveram de retirar-se de Ouro Preto.

Voltando a São Borja, Getúlio alistou-se, mais tarde, no 6º Batalhão de Infantaria, visando ao ingresso na Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo. Aos quinze anos,

alcançava as divisas de 2º sargento e a autorização do ministro da Guerra para ingressar na Escola Militar. Outra luta, a que estava alheio, mas na qual também foi envolvido, uma pequena indisciplina de estudantes, reclamando contra a falta de água no alojamento, provocou o desligamento de 20 alunos, entre os quais Getúlio. Rebaixado às fileiras, foi servir no 25º Batalhão, com sede em Porto Alegre.

Desanimado de seguir a carreira militar, requereu exame de saúde para ter baixa. Foi quando uma questão de limites ameaçou desencadear a guerra entre o Brasil e a Bolívia. O 25º Batalhão de Infantaria recebeu ordem de acampar em Corumbá, Mato Grosso, e aguardar os acontecimentos. Getúlio segue com seu batalhão. As desfilar pelas ruas de Porto Alegre ele avista, pela última vez, a figura de um homem que nunca esquecerá: Júlio de Castilhos.

Assinado o tratado de Petrópolis, afastado o fantasma guerreiro, restou de tudo uma experiência desalentadora, estampada na carta enviada a Martim Gomes, datada de 27 de abril:

“Trazia a alma cheia de ilusões porque julgava vir defender a minha pátria e, portanto, tinha a satisfação íntima de quem cumpria o meu dever. Não consegui abater-me o péssimo passadio que tive a bordo, dormindo ao relento, acordando encharcada a roupa no corpo, comendo mal, além de outros pormenores; porém, grande foi a minha desilusão quando vi, ao chegar aqui, que isto não passava de um simples arreganho e que nós, como meros instrumentos, tínhamos sido atraídos aqui para servir de espantalho, da mesma maneira que se coloca um chapéu velho e esfarrapado em cima de um pau, para espantar os passarinhos que querem entrar em uma roça. Foi contra esta verdade, que tem a dureza do granito, que veio quebrar-se o castelo dourado das minhas ilusões. Os teus serviços diplomáticos, porém, podem ser utilizados pelo barão do Rio Branco, pois a espada cedeu lugar à pena e

poderá entrar em ação tanto na balança da paz como na da guerra”.

Não era fácil conseguir baixa. O engajado ficava na tropa indefinidamente, ou até que conseguisse escapar, quase sempre depois de uma inspeção médica de favor. Getúlio foi dado por incapaz, com o diagnóstico falso de epilepsia.

Começava, outra vez, uma vida diferente. Matriculou-se na Escola Brasileira, dirigida pelo professor Ignácio Montanha, preparando-se para o vestibular de Direito. Despontavam novas amizades que o acompanharão: José Picorelli, Renato Barbosa, Martim Gomes Dutra, Firmino Paim Filho... Os preparatorianos fundam o Grêmio Literário 7 de Setembro e escolhem Getúlio para orador.

A vida estudantil dividia-se entre a *Republicana Infernal*, como era conhecida a pensão de Francisco Medeiros de Albuquerque, na rua do Riachuelo, e as aulas e tertúlias acadêmicas, em que sobressaíam ainda Alziro Marinho, Francisco Leonardo Truda, Firmino Paim Filho, Antônio Fernandes, Henrique Rupp Júnior, Oswaldo Fernando Vergara e Francisco Rudolfo Sinch.

Não era, apenas, a literatura que motivava os estudantes. Foi por essa ocasião que Afonso Pena, presidente eleito da República, visitou o estado. O governo organizara um programa oficial, esquecendo-se dos estudantes. Estes, em represália, reuniram-se em assembléia e decidiram não comparecer a nenhuma solenidade em que estivesse presente o presidente do estado, Borges de Medeiros.

Uma das solenidades era a visita à Faculdade de Direito. O diretor da faculdade recebeu um ofício assinado pelos acadêmicos Euribíades Dutra Vila e Getúlio Vargas, comunicando a resolução dos estudantes de não assistirem à recepção. Ao mesmo tempo, uma comissão procurava o presidente Afonso Pena para pedir-lhe que aceitasse uma homenagem direta dos estudantes com *marche-aux-flambeaux*.

A festa realizou-se a 15 de agosto. Getúlio foi o ora-

dor escolhido. E faz o seu pronunciamento em público, face a um presidente da República eleito:

“Isto é um protesto da juventude. Em nome do livre pensamento.

“Ao receber delegação da mocidade das academias para saudar a V. Exa., seja a consideração da força e da juventude que ela representa um fluido galvânico, alterando-se à posição de independência que deve ser mantida por esses que, simples espectadores dos fatos presentes, serão os juízes do futuro. (...)

“... Quantas causas de estagnação pesam sobre um país novo, exaurido pela captação e fisco, sopeando o livre desenvolvimento das atividades industriais! Amarga resultante para quem se vê coato a comprar manufaturados no estrangeiro, os gêneros da própria matéria-prima que exporta. (...)

“A lei não é o arbítrio do legislador; esta nada mais faz do que reconhecer as necessidades gerais, garantir-lhes o desenvolvimento, aplainando as dificuldades que lhes possam sopear a marcha progressiva.”

Paulo Frischauer, escrevendo a biografia de Vargas, realizou uma pesquisa junto ao professor Jacinto Gomes, da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, companheiro de mocidade de Getúlio. Indagara quais os homens políticos que teriam influído na formação do futuro governante. O professor Jacinto Gomes indicou, naturalmente, Júlio de Castilhos e mais Pinheiro Machado. Sobre este, recordou que Getúlio, saudando-o quando visitava o estado natal, em 1907, proferiu uma sentença que poderia lhe ser devolvida, mais tarde, na qual traçava um auto-retrato: “a atitude de V. Ex^a. (Pinheiro Machado) na política da República tem sido esperar a marcha dos acontecimentos, colocando-se à frente deles, para guiá-los”.

Outra amizade que o acompanhará até a morte é a de um estudante recém-chegado a Porto Alegre em maio de

1905, João Neves da Fontoura, filho do chefe republicano de Cachoeira e amigo íntimo do presidente do estado, Borges de Medeiros. O peso e a estatura equivalentes faziam com que pudessem vestir as mesmas roupas, segundo a opinião do alfaiate de Júlio de Castilhos, Fernando Pettersen, que a mocidade fanática do guia político adotou. Mas ele acrescentava que, se as medidas eram iguais, os temperamentos eram opostos como champanhe e conhaque.

Nas salas de aulas, nas bibliotecas e livrarias, Neves falava. Vargas ouvia. Nos salões de bilhar, o futuro líder da Aliança Liberal jogava comentando, em voz alta, cada lance. Getúlio, marcando, facilmente, muitos pontos em cada tacada, quedava-se calado, o taco entre as mãos, o charuto já posto na boca, o único confidente, o desrecale, a válvula de escape...

O pequeno quarto da pensão ostentava a estante com os autores preferidos: Darwin, Kant, Nietzsche, Spencer, Carlyle, Baudelaire, Zola. Getúlio escreveu um ensaio sobre o chefe do naturalismo. O tema escolhido foi *Renouveler ou périr!* Os nacionais compareciam com Euclides da Cunha e Raul Pompéia.

O Rio Grande do Sul ainda estava fundamente dividido pelas lutas sangrentas. A faculdade tinha o seu *Bloco Acadêmico Castilhista*. Esse grupo lança, a 3 de junho de 1907, *O Debate*, anunciado maternalmente pela *Federação*. O próprio Borges de Medeiros designa o diretor, que foi Firmino Paim Filho. Os redatores foram Getúlio Vargas, João Neves, Maurício Cardoso, Manoel Duarte e Jacinto Godói.

A luta de Borges com Fernando Abbott foi a grande oportunidade dos novos combatentes. Defendendo o candidato do Partido Republicano, Getúlio Vargas explorou a versatilidade de Abbott, que mudara de partido: “Dentro de que partido se achava o Dr. Abbott às 2 horas da tarde?”. Não apenas nas colunas dos jornais travava-se a disputa. Porque nos comícios de praça pública revezavam-se os

oradores de uma e outra tendências. O deputado federalista Pedro Moacir, considerado um dos maiores oradores gaúchos do seu tempo, foi a Porto Alegre em campanha. Era preciso impedir o sucesso que o renome do orador prognosticava. Os estudantes do Grêmio e os redatores de *O Debate* compareceram com o intuito deliberado de perturbar a reunião. Mas os berros de seus apartes eram abafados pelos aplausos. Tentaram apartear Pedro Moacir, mas foram impotentes à ágil esgrima mental do parlamentar.

Foi quando, aproveitando uma pausa propiciatória, alguém disparou um tiro para o chão. Um tiro só, não era comum naquelas plagas... Toda gente receou que outro tiro respondesse, generalizando-se o tiroteio. Em vão os mais calmos tentaram conter o estouro da multidão. Ninguém mais ouvia a voz sonora e as frases bonitas do deputado Moacir...

Também correram os estudantes e redatores de *O Debate*. Quando se encontraram em lugar seguro, indagaram entre si quem teria sido o autor do tiro, porque o disparo, com segurança, partira do meio deles. Só um não falava, porque sorria com o melhor humor. Conta Frischauer* que os outros lhe perguntaram diretamente se havia sido ele. Não respondeu sim ou não. Riu mais alto e perguntou, por sua vez: “Tínhamos projetado mandar pelos ares a manifestação da oposição? Foi pelos ares ou não?”.

O professor Godói, informante de Frischauer, jura que foi Getúlio o autor do disparo. Sua filha e biógrafa, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, adianta a resposta à indagação que lhe fez:

“Olhou-me feio, por cima dos óculos, enquanto assinava um decreto e falou: ‘Era o único meio de dissolver o comício’. Não consegui arrancar-lhe mais nada nesse dia, nem depois. Fiquei com sérias desconfianças e ainda as mantenho; porque fugia do assunto com grande habilidade. Jamais confessou que fosse ele o desordeiro; tampouco

* Paulo Frischauer, obra citada, p. 116.

revelou qualquer outro nome. Não se acusou mas não acusou ninguém. Poderia ser um pacto entre eles; poderia ser que aquele que me fez a insinuação desejasse verificar somente se papai era capaz de manter um segredo. Por isso não insisti mais. *In dubio pro reo*. É possível que tenha sido apenas discreto. O que tinha de ser feito fora feito”.*

Formado em Direito, em dezembro do mesmo 1907, o jovem castilista, filho do chefe republicano e herói de lutas partidárias, general Manuel do Nascimento Vargas, teve a segunda promotoria pública da Capital. A nomeação é narrada de forma jocosa por um biógrafo estrangeiro:

“A nomeação de Getúlio para segundo promotor público, logo depois de sua formatura, era uma distinção, e foi considerada, geralmente, um prêmio aos serviços por ele prestados ao partido, durante a campanha eleitoral. No *Petit Journal*, periódico dos adversários, dirigido por Batista Xavier, assim que foi tornada pública a nomeação de Getúlio, apareceu uma caricatura em que se viam Borges de Medeiros e várias crianças, cujos rostos eram os dos redatores de *O Debate*, ‘Bom, meninos’ – perguntava Borges de Medeiros – ‘que querem agora? Uma caixinha de chocolate, para cada um?’ ‘Não’ saía da boca de Getúlio, ‘quero ser promotor público.’ Se bem que a caricatura não correspondesse à realidade, pois Getúlio não se candidatara ao lugar, a pilhéria política não deixava de ser bem apanhada, pois o sucessor de Getúlio como promotor público foi outro dos redatores de *O Debate*, representado em roupas de criança: João Neves. Os adversários políticos riam e Getúlio riu com eles. A nomeação fizera-o funcionário público aos vinte e seis anos incompletos”.**

A iniciação na vida parlamentar fez-se com um mandato de deputado estadual à Assembléia Legislativa, na le-

* Alzira Vargas, *Getúlio Vargas, meu pai*. Porto Alegre, Ed. Globo, p. 9-10.

** Paulo Frischauer, *Presidente Vargas*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1943, p. 115.

genda do Partido Republicano. O sinal da liderança logo se apresenta. O jovem deputado lidera uma bancada homogênea, mas tumultuosa. Naquele tempo, era comum que os deputados de ambos os partidos portassem volumosos revólveres, e, às vezes, colocavam as armas, ostensivamente, sobre as bancadas. Foi ali, sem violência, mas com energia, com autoridade, mas sem autoritarismo, que Getúlio Vargas se revelou o condutor de homens que seria por toda a vida.

A apuração do pleito presidencial do estado era feita por uma comissão escolhida pela Assembléia Legislativa. A Constituição Estadual permitia a reeleição, desde que fosse alcançado o necessário *quorum*. Borges de Medeiros disputava o posto, pela quinta vez. O resultado foi impugnado, pela oposição. A comissão encarregada de dar o parecer tinha como relator o deputado Getúlio Vargas. Os trabalhos prosseguiram, mas propalava-se que a conclusão não favorecia Borges de Medeiros. Foi quando Balthazar do Bem foi ao Palácio e avisou a Borges de Medeiros do impasse da comissão que iria procurá-lo para expor a situação. Assim aconteceu. Quando os deputados chegaram, o velho chefe recebeu-os efusivamente: “Sei que vêm felicitar-me porque estou reeleito”.

A comissão, com seu líder à frente, não disse mais ao que vinha. Voltou à Assembléia, reformulou os cálculos e proclamou, na noite de 25 de janeiro, Borges de Medeiros presidente, pela quinta vez, do Estado do Rio Grande do Sul.

Nessa noite, o Palácio da Assembléia, iluminado, era guardado por tropas da Brigada Militar. Os deputados saíram de madrugada para trocar de traje, envergando a casaca, com colete preto, protocolar para a solenidade de posse, marcada para a mesma tarde.

Na mesma data, Artur Caetano, Felipe Portinho, Leonel Rocha, Zeca Neto, Honório Lemes e outros chefes oposicionistas iniciaram a revolução de 1923.

Getúlio Vargas, como outros chefes republicanos,

organiza o seu Batalhão de Provisórios e veste a farda azul, com que o retrata sua filha e biógrafa Alzira. Mas o destino vai favorecê-lo, evitando que manche as mãos de sangue fratricida. A morte de Rafael Cabeda abriu uma vaga na Câmara dos Deputados. Para ela foi eleito Getúlio Vargas.

A demorada preparação formou um deputado discreto e perspicaz. Quando vem para o Rio de Janeiro, seus passos são cautelosos. Aceita, sem relutância, a disciplina da bancada e a liderança de Nabuco de Gouveia, sem alegar os títulos de líder que fora, na tempestuosa Assembléia regional.

A linha de discrição, porém, não impede que se manifeste, nas oportunidades em que convém mostrar-se o fiel intérprete do pensamento de Borges. Assim, comparece à tribuna quando se trava o derradeiro duelo de Bernardes, presidente da República, e Nilo, seu opositor, derrotado, quando da intervenção no Estado do Rio:

“Tendo usado da palavra somente para fazer um requerimento sobre assunto referente ao meu estado, não era meu intuito tão cedo voltar à tribuna nesta casa. Neste recinto... eu desejaria ficar silencioso, observando e aprendendo. Dado o retraimento natural do meu espírito, a minha timidez e o reconhecimento da própria incapacidade (não apoiados gerais), eram outras tantas forças inibitórias a qualquer manifestação pública. É, pois, quase me excusando de uma ousadia, que compareço neste plenário. Assim, porém, quiseram as circunstâncias”.*

Justifica seu voto, na Comissão de Constituição e Justiça, admitindo a dualidade de poderes e considerando legítima a intervenção do presidente da República.

Também quando se discute o segundo cinco de julho e Nabuco de Gouveia, Lindolfo Collor e Flores da Cunha solidarizam-se com Bernardes, Vargas volta à tribuna:

* Documentos Parlamentares. *A Intervenção no Estado do Rio*. Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Comércio, 1923, 16º vol., p. 568.

“A sedição que acaba de ser julgada não tinha um fim construtor, um intuito de nobreza, nem a flama justificativa de um ideal. Nada disso. Era, pela sua natureza, pelos seus fins, puramente negativa. Um dia, esses homens, que iludiram a nação, conspirando para assaltar os poderes públicos, ludibriando a confiança que neles depositara, como encarregados da manutenção da ordem pública, violaram o seu pacto de honra, para voltarem as armas contra essas mesmas instituições, amatulados, apenas, sob a base comum do instinto de destruição... Por isso, a derrota dos rebeldes, que, em São Paulo, ergueram o colo da revolta, tem para nós o significado de uma profunda lição”.*

A representação federal gaúcha foi unânime. Os sete libertadores deram idêntico apoio, falando por eles Plínio Casado.

Nabuco de Gouveia troca o parlamento pela diplomacia. Há veteranos na bancada, entre os quais Flores da Cunha, com prestigiosas amizades na política paulista, que vai ascender ao primeiro plano com a presidência Washington Luís. Há Carlos Penafiel, genro de Júlio de Castilhos. Mas a preferência de Borges se fixa por isso mesmo em Getúlio, de bom quilate castilhista, cuja fidelidade provara como relator do parecer que lhe dera a quinta reeleição.

Quer o novo condutor plenamente prestigiado. O ano político de 1926, que será fértil de acontecimentos, assinala o 26 de janeiro com um significativo banquete em Porto Alegre, em homenagem a Getúlio Vargas.

A sessão legislativa federal iniciava-se mais tarde. Era praxe que os líderes das principais bancadas compusessem a Comissão de Finanças. Naturalmente o lugar reservado ao Rio Grande do Sul é oferecido a Vargas. Com geral surpresa ele recusa:

“Declarou, na minha presença, que não entendia de

* Sertório de Castro, *A República que a revolução destruiu*. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos, 1932, p. 484-5.

finanças e que, portanto, não podia aceitar ser membro da Comissão de Finanças”.*

Declinando do posto ocupado por Lindolfo Collor, Vargas desafia o destino. Será sempre assim... Collor, jornalista brilhante, vai ter a incumbência de defender, nas colunas de *O País* e do *Correio Paulistano*, a reforma financeira de que o presidente Washington Luís fará a pedra de toque do seu governo. Por isso o seu nome será apontado para o Ministério da Fazenda. Mas o ministro vai ser Getúlio Vargas.

O ano de 1926 marcaria vários acontecimentos importantes na vida política nacional. A 24 de fevereiro, foi fundado o Partido Democrático, em São Paulo, congregando em torno do conselheiro Antônio Prado uma plêiade de valores até então arredios da política, como J. J. Cardoso de Melo Neto, Francisco Morato, Waldemar Ferreira, Gama Cerqueira; e um pugilo de moços, liderados por Paulo Nogueira Filho. A 21 de março, realizou-se a sessão solene da instalação da nova agremiação que vai dar a bandeira para o futuro candidato da Aliança Liberal. No mês de outubro, a imprensa começa a se ocupar do futuro governo a instalar-se a 15 de novembro. O novo presidente, Washington Luís Pereira de Souza, convocou para o seu Ministério os líderes de diversas bancadas estaduais. A pasta da Fazenda coube ao líder do Rio Grande do Sul.

Como uma advertência ao governo a inaugurar-se, irrompe nos pampas sulinos a Coluna Relâmpago. Protesto sangrento, advento da revolução nacional, ainda uma vez adiada. O presidente a empossar-se não vai tomar na devi-

* Gilberto Amado, “Getúlio – sua capacidade de enganar”, in *Depois da Política*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1960, p. III. O episódio nunca foi contestado por Vargas. Há quem observe, porém, que ele teria preferido permanecer na Comissão de Constituição e Justiça, onde exercia a presidência que não teria no órgão de Finanças. Convinha melhor aos interesses de seu estado e sua atitude obedecia à disciplina partidária.

da conta o sinal que se confirmará, quatro anos depois, a 3 de outubro, nas mesmas terras açoitadas pelo minuano.

Vargas não demorará no Ministério da Fazenda. A 2 de fevereiro de 1927, realizavam-se as eleições no Rio Grande do Sul, conseqüentes ao Pacto de Pedras Altas. A nova Constituição não permitirá a sexta reeleição de Borges de Medeiros. A bancada federal comportava sete libertadores, entre os quais Plínio Casado, antigo professor de Vargas e seu amigo pessoal, e João Baptista Luzardo, lugar-tenente do caudilho Honório Lemes, que, em seu discurso de estréia na Câmara dos Deputados, recebera os primeiros cumprimentos do líder da bancada republicana. A candidatura Getúlio Vargas ao governo do estado surgiu naturalmente, afastando outros candidatos, merecedores da escolha, mas desfavorecidos pelas circunstâncias. A 25 de novembro, Vargas é eleito presidente do Rio Grande do Sul. Para a vice-presidência é escolhido João Neves da Fontoura. A 25 de dezembro, o presidente da República homenageia, saudando-o em um banquete, o seu ministro da Fazenda.

A crise do mundo moderno, deflagrada com a I Grande Guerra Mundial em 1914-18, instalou-se no Brasil em 1922, em três manifestações díspares, mas sintomáticas, do mesmo fenômeno político. A revolução do pensamento, que foi a Semana da Arte Moderna; a revolução social, na fundação do Partido Comunista; a revolução militar, no primeiro 5 de julho.

A revolução desencadeada é como as cachoeiras da serra, na imagem de Rui Barbosa: “Aqueles borbotões d’ água que arrebetam e espadanam, marulhando. Eram, ainda há pouco, o regato que serpeava pela encosta, e vão ser daqui a pouco o fio de prata que serpeia pela campina. Vinha murmurosa e descuidada; encontrou o obstáculo, cresceu, afrontou-o, envolveu-o, cobriu-o, e, afinal, o caixão desfez-se em pedaços de cristal e espuma”.